

# **Experimentações com cianotipia em arquivos de campo para reimaginar as Capitoas de São Benedito**

Ester Paixão Corrêa

Doutora em Antropologia Social – UFRN

## **Resumo**

A Marujada de Bragança é uma manifestação cultural de origem afro diaspórica na Amazônia Atlântica paraense na qual as mulheres são agentes centrais que produzem cultura por meio da festa e da dança. Esta é parte importante da formação sociocultural da Amazônia. Este trabalho visa revisitar o acervo visual reunido no decorrer da pesquisa de mestrado com as Marujas de São Benedito de Bragança (2014-2017), realizada no Museu da Marujada, nos arquivos da Irmandade de São Benedito e durante a festa. O retorno ao acervo foi ampliado com experimentação com a técnica de cianotipia, visando retratar aspectos da presença das Marujas e das Capitoas. Os resultados de tais experimentações passaram pelos processos do fazer artesanal nas imagens, revelando novas estéticas, formas outras de representação e apresentando novas práticas visuais oriundas do diálogo entre arte e antropologia.

**Palavras- Chave:** Capitoas; acervo; cianotipia.

## **Introdução**

Este trabalho visa revisitar o acervo fotográfico reunido no decorrer da pesquisa com as Marujas de São Benedito de Bragança (2014-2017). A Marujada de Bragança é uma manifestação cultural de origem afro diaspórica na Amazônia Atlântica paraense, que compõe os ritos da Festa de São Benedito. Envolve dança, sonoridade, performance, estética e religiosidade, articuladas por meio de práticas culturais, religiosas e técnicas corporais, nas quais as mulheres são agentes centrais que fazem historicamente girar uma grande roda cultural por meio da festa e da dança.

As Marujas, como são chamadas as produtoras e participantes da Marujada, contribuem na manutenção da festa de São Benedito, seja nas articulações políticas, nas práticas de religiosidade e na organização e difusão da festa. Dentre estas se forma uma identidade muito específica, que é a Capitoa, como uma comandante histórica do ritual que iniciou com as mulheres negras no período da escravidão. Pensar desde a identidade Maruja, possibilita destacar a participação e contribuição das mulheres negras na formação sociocultural da Amazônia. Uma participação que se estende a outras áreas e compreende outras marujadas.

Dessa maneira, proponho um mergulho no acervo visual reunido em pesquisa de campo realizada no Museu da Marujada, nos arquivos da Irmandade de São Benedito e durante a festa. As imagens que me interessam aqui ajudam a pensar os lugares das Capitoas e das Marujas na festa, além de proporcionar uma perspectiva histórica que valoriza as agências das mulheres negras amazônidas.

Se o fazer antropológico é também uma forma de inventar mundos possíveis, o material etnográfico revisitado parece ainda ter muito a dizer. Dialogo com o sentido de invenção cultural de Wagner (2010), para pensar a invenção com os arquivos e traçar diálogos históricos sobre inventividade do povo negro. Isso é uma forma de continuidade do processo de invenção e de produção de novos sentidos, criando uma forma de representação que inventa aquilo que representa. A produção de um conhecimento a partir dos arquivos, modificado e ressignificado, é capaz de criar novas narrativas e outras formas de narrar.

Por isso, tento aqui trazer a criação de novas estéticas, responder a perguntas pendentes e apresentar novas práticas visuais oriundas do diálogo entre arte e antropologia. Minha escolha pela criação artística de fazer artesanal, a partir da técnica histórica de revelação e criação de fotografias, é atravessada pelas experimentações visuais que envolvem preparo de suporte, montagem e exposição final como um processo constituído por criação e recriação.

Dessa maneira, o diálogo foi organizado entre as camadas de experimentação com a cianotipia, criando imagens artesanais como uma forma possível de uma representação cultural. A técnica de sobreposição de camadas envolveu o uso de diferentes materiais: negativos digitais de fotografias obtidas em campo e objetos como colares, guias, brincos, rendas e penas, que remetem à estética da Marujada.

Tais processos circularam entre o digital e o analógico, fazendo releitura de fotografias antigas, algumas com pouca conservação, aliadas a processos digitais de edição de imagens e produção de negativos. Resultando neste texto-visual experimental que conta sobre processos, que estão acontecendo agora, ao visitar um acervo que está vivo, no qual as Marujas e Capitoas representam a criatividade e a coetaneidade de uma ancestralidade que dança. E que não se encerra aqui.

Nesses caminhos que levaram à arte, trato dos processos de produção de uma série sobre as Capitoas e Marujas de São Benedito. Duas obras compuseram a exposição Ilê Arte Preta Experimental (2025), e foram agregadas mais três obras que compõem a série Capitoas da Marujada de Bragança, na Mostra do Prêmio Pierre Verger (CAV/RBA, 2026) de Experimentação fotográfica.

### **1. Revisitando acervo de campo: acervo como arquivo vivo**

Durante a pesquisa entre o grupo de marujas da Marujada de Bragança, que compreendeu a graduação e mestrado, reuni um acervo de imagens que incluem fotografias, vídeos, desenhos e documentos que contam sobre a história e os processos de ressignificação do ritual de dança da marujada, bem como os novos lugares que a levaram a manifestação cultural e religiosa ao reconhecimento como patrimônio cultural. Busquei destacar principalmente os traços negros e protagonismo das mulheres, trazendo a tona a questão das agências históricas das mulheres, em especial das mulheres negras amazônidas.

Para a pesquisa de mestrado, as imagens constituíram uma linguagem importante para comunicar sobre a festa e foi também esse acervo, que permitiu me pensar como atuante no campo da arte. A consulta ao acervo tem sido importante para rememorar a festa e também relembra aspectos do trabalho de campo que por vezes me fugiam da memória - muitos dos quais não haviam sido registrados no diário de campo.

Embora tenha percorrido por outros caminhos de pesquisa no doutorado, segui entusiasmada com a Marujada enquanto pesquisadora. Nunca abandonei totalmente minhas reflexões e produções, impulsionada pela gratidão que essas mestras de saberes tiveram na minha formação intelectual e acadêmica, segui sendo uma divulgadora da festa. Tal fato se evidenciou na consolidação da inscrição no Livro de Registro de Celebrações, do Iphan, das Marujadas de São Benedito como Patrimônio Cultural Brasileiro (2024), principalmente com o reconhecimento da contribuição das minhas pesquisas no processo de elaboração do documento final. Isso também reacendeu o interesse em produzir desde um ponto de vista negro e que valoriza (e não deixa esquecer) que o protagonismo da marujada é das mulheres negras.

Esses novos olhares lançados para a poética da Marujada se constituem então como desdobramentos da pesquisa de mestrado, abrangendo temas que não tinha

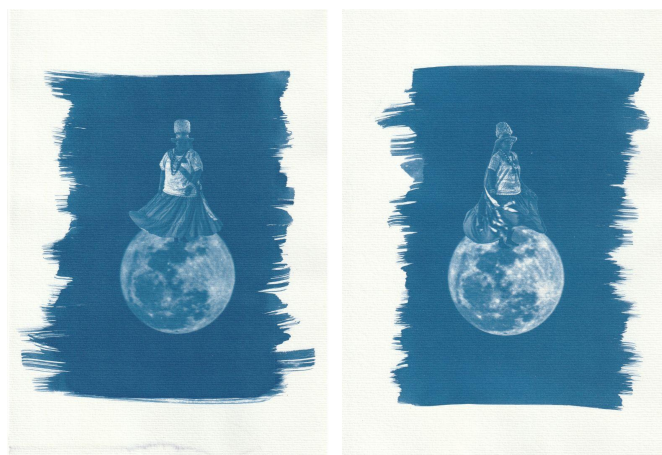
conseguido abarcar no texto da dissertação, principalmente no aspecto das imagens. A continuidade da pesquisa pela ressignificação de imagens, é realizada com certo sentimento de liberdade para propor representações da dança a devoção a São Benedito de Bragança, em dois movimentos: um que aproxima o arquivo etnográfico do campo da arte, e outro, que aproxima as técnicas da arte com o campo da antropologia.

Foi a técnica de arte contemporânea da cianotipia que me instigou a voltar aos meus arquivos de campo para pensar novos desdobramentos. Quando iniciei com a prática da cianotipia, ampliou-se minha necessidade de realizar curadorias, organizar temas e pensar minhas imagens. Sempre vi meu acervo como um campo aberto, um acervo vivo, com inúmeras possibilidades reflexivas. E era isso que a Marujada mostrava para mim: um arquivo visual consistente, que já havia explorado em três ensaios visuais, mas que ainda está com muitas gavetas abertas para diferentes abordagens.

Foi nesse contexto que realizei a primeira experimentação artística com as imagens da Marujada. Isso partiu de uma série de colagens digitais, que foram reveladas com cianotipia, no ano de 2022. Inspiradas na música “Lua jardineira”, do grupo Arraial do Pavulagem, especialmente na frase “Vem da lua, vem de Bragança”. Os resultados foram animadores, assim, submeti para a Mostra Arandu, da UFPB, Campus Rio Tinto. Foi essa ocasião que me fez pensar o arquivo como fato vivo.

Imagem 1: Capitoa - série “Marujada vai à lua” – Mostra Arandu/Avaedoc, 2022.

Técnica de monotipia em papel aquarela



## 2. Processos fotográficos históricos

A cianotipia é um método fotográfico antigo que utiliza a luz para agir sobre sais de ferro, resultando em imagens com tons de azul característicos. Inventada no século XIX, a técnica foi solidificada por Anna Atkins com a publicação do primeiro livro de fotografias da história, em 1843. Tratei a respeito do tema, considerando-a como técnica, estética e processo. Anunciei a possibilidade de pensar desde a cianotipia, partindo dos processos, materiais e montagens que compuseram a linguagem visual da tese de doutorado. A montagem compôs a edição do Prêmio Pierre Verger (2024) e foi grande motivador para buscar formação no campo da arte contemporânea (Corrêa, 2025).

No sentido de processo, a cianotipia inclui três passos fundamentais: a preparação dos papéis/tecidos (suportes) sensibilizados com solução de citrato férrico e ferricianeto de potássio. O segundo passo é a montagem dos elementos a serem revelados e, por fim, a revelação, que é a exposição à luz solar e a lavagem em água que revela os tons de azul. No caso de uma impressão de fotografias, é necessário ainda, trabalhar digitalmente a imagem a ser revelada, criando negativos digitais e serem impressos em transparência. Todos esses passos incluem singularidades que vão marcar o resultado final.



Imagem 2: Materiais para preparar o suporte e objetos da montagem

No caso dos experimentos que tenho realizado com a cianotipia, os processos experimentais incluíram papel aquarela, o uso de negativos digitais e elementos materiais sobre o suporte sensibilizado — fitas de cetim, rendas, flores, penas. As imagens das Capitoas ganham nova vida, são adicionadas camadas de memória, de

devoção e de estética, entrelaçadas numa linguagem visual que ressignifica o acervo etnográfico, trazendo outras camadas poéticas para a presença das Capitoas.

O processo da montagem, revela uma poética da cianotipia em camadas que apresenta como se dá o encontro entre o digital e o analógico, com a sobreposição de negativos digitais, elementos naturais, rendas e acessórios que remetem ao ritual da Marujada. Os acessórios como colares, brincos, guias, fazem parte do universo estético das Marujas, são acionados na festa para compor a indumentária que também é inclui o uso de rendas - como é o caso da blusa da maruja.



Imagem 3: Processo de montagem e exposição ao sol



Imagem 4: Negativo da Capitoa, Dona Bia.

Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

### 3. Diálogos entre arte e antropologia

Nessa relação entre a produção de imagem e antropologia, a transformação de acervo etnográfico em arte não é exatamente um tema novo. Arnd Schneider tem estabelecido uma conversa global, que tem ampliado os debates em torno da relação entre antropologia e arte contemporânea (LAPPICY, 2019). O acervo de Cláudia Andujar, por exemplo, mostra como é possível articular registro documental, que se aproxima da etnografia, e trazer para o campo da arte por meio da fotografia. A exposição “Sonhos Yanomami”, que representa aspectos da cosmologia Yanomami por meio de imagens, é uma materialização dessas possibilidades.

Há outros exemplos como o projeto *Ethnographic Terminalia*, que reúne exposições nas quais cadernos de campo, fotografias, instalações, vídeos e obras de arte são apresentados como formas de produção antropológica. No Brasil, o Prêmio Pierre Verger também tem buscado reunir produções artístico-antropológicas em exposições visuais realizadas durante as reuniões de antropologia.

Os processos que compõem este trabalho tiveram início com um convite para participar de uma exposição sobre arte e negritude. A produção da série iniciou com duas obras para compor a exposição Ilê Arte preta experimental na galeria Casarão 34 (João Pessoa, 2025). O convite para a exposição aconteceu em um instante no qual revisitava o acervo de campo para a publicação da dissertação em formato de livro. Já tinha um especial o interesse pela trajetória das Capitoas - apresentado no formato textual (Corrêa, 2018) - me interessava pensar desde as imagens. Revisitar tal processo me levou aos arquivos de imagens de campo, me trazendo reflexões outras e possibilidades de representação no campo da arte, agregando processos oriundos do campo da antropologia.



Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)



Imagem 5 e 6: Série de obras que compuseram a exposição Ilê Arte preta experimental, 2025. Técnica da cianotipia em papel aquarela.

Após a exposição as imagens ganharam corpo e potencialidade, assim, expandi a série para um ensaio sobre as Capitoas. Esse interesse pelas Capitoas, advém de um antigo desejo de retratar essas mulheres que historicamente são protagonistas e comandantes do ritual da marujada, mas sobre as quais se tinham poucos registros e interesse. Interessava-me revelar rostos e nomes, contar sobre a existências de mulheres negras que dançavam e festejavam em meio aos horrores da escravidão.

Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

As obras produzidas para compor o Pierre Verger (2026), seguem marcadas pelo tema da memória. Misturam camadas e revelam imagens. Retratam as Capitoas Dona Bia - atual Capitoa da Marujada -, Benedita Tamanquinho, Sinoca e Aracilda. As imagens destas últimas, foram obtidas no Museu da Marujada, na época do trabalho de campo. Estavam emolduradas e expostas na parede do museu, como arquivo público, então utilizei o método “foto da foto”. As originais registravam informação sobre data de nascimento e de falecimento, a maioria de baixa resolução. A fotografia de Benedita Tamanquinho, estava danificada, assim, fiz o uso de restauração digital e posterior impressão em transparência.



Imagem 7: Processos de montagem da obra “Benedita Tamanquinho”.



Imagem 8: Benedita Tamanquinho. Técnica: cianotipia em papel aquarela





Imagens 9 e 10: Capitoas Irá e Sinoca. Técnica: cianotipia em papel aquarela

Assim, é possível conceber o acervo de campo como arquivo vivo que pode se transformar em obra de arte. A Marujada é viva, se torna inspiração poética, possibilitando trazer outras formas de representação, linguagem poética e invenção de mundos. Possibilita também brincar com a imagem por meio da montagem e da sobreposição de camadas.

### **Diálogos em continuidade...**

Minha trajetória tem sido marcada pela articulação entre criação artística, educação e pesquisa, compreendendo as artes visuais e a fotografia experimental como ferramentas de expressão, reflexão e construção de narrativas sobre gênero, raça, memória, pertencimento e território. São temas que tento fazer pontes entre o campo da arte e da antropologia.

Tenho buscado nos espaços formativos de arte ampliar as diferentes formas de representação do mundo que me cerca e da forma como caminho por ele. Além das reflexões oriundas do acervo de campo, tenho revisitado meus acervos familiares e de ensaios fotográficos para trazer à tona outras representações especialmente sobre as subjetividades negras e territoriais. A formação no campo da arte tem acontecido no âmbito das residências artísticas (R)Existo! (UFPB, 2025), Fazer Arquipélago (NAC/UFPB, 2026) e RVAC (Black Brazil Art, 2026).

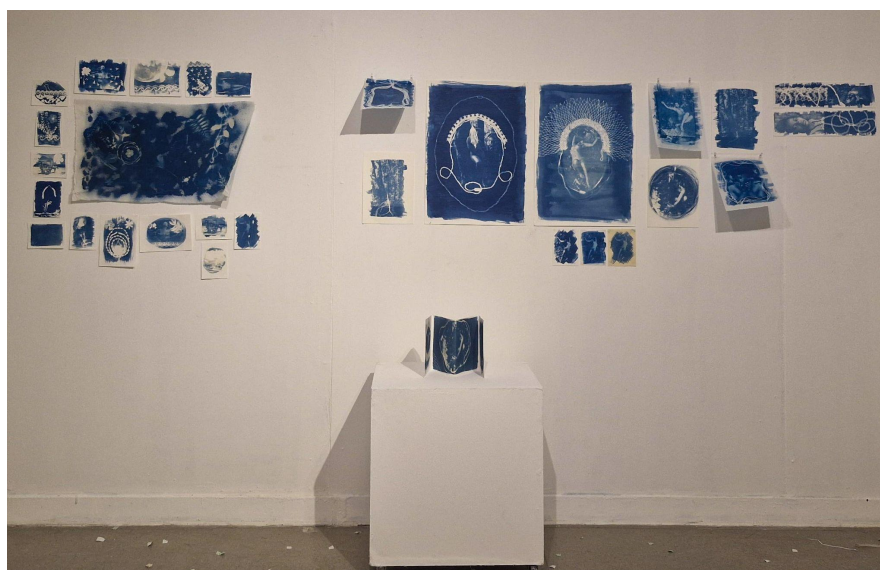


Imagem 11: Exposição Rexistir, UFPB

A participação em espaços formativos tem me propiciado expandir as possibilidades de experimentações, de fabulações e de atuação. No sentido das experimentações, as residências artísticas têm proporcionado o encontro com outras/os artistas e diferentes técnicas que potencializam o fazer artístico e ampliam percepção sobre processos singulares do universo da arte e das exposições artísticas. Assim, os espaços mais abertos para experimentações e as múltiplas formas de representação que se abrem, possibilitam agregar na prática da cianotipia

O fazer pensar resultante da participação nas residências me empurraram para olhar para meus arquivos de fotografia, que incluem a fotoetnografia, as fotografias de família, arquivo da minha comunidade e outros trabalhos fotográficos autorais. Da mesma forma, tem despertado um interesse crescente em considerar o acervo e o arquivo como áreas abertas e dinâmicas, propensas a reinvenções, fabulações e interpretações. Isso aconteceu por exemplo Residência Fazer Arquipélago, na qual fiz intervenções e interpretações do filme Aruanda, com enfoque nos saberes das mulheres quilombolas, recolocando estas como protagonistas do fazer quilombo.

Os resultados desse campo aberto de experimentação me levaram a um outro caminho, que é o das galerias de arte e das exposições. Estes se tornam espaço por onde as produções são dispostas, o que envolve outros processos de aprendizados que dizem respeito à montagem, instalação, curadoria e narrativa visual.

Este texto traz uma proposta experimental, como um relato de processos. Nesse percurso, revisitar os arquivos tem me levado a perceber que os temas têm perpassado pela minha imaginação e interesse. Inevitavelmente, as minhas reflexões tem me levado aos temas de raça, gênero e território. Uma constante implicação dos meus lugares no mundo na prática artística-antropológica, acionando meus lugares de pertencimento como mulher afro-indígena amazônica, de origem rural, para quem memória, raça e território é um tema central. Além disso, tenho investido nas oficinas como espaços formativos importantes para a circulação de reflexões entre a arte e a antropologia.

## Referências bibliográficas

CORRÊA, Ester Paixão. Antropologia, artesanaria e cianotipia: costuras de fotografias viajantes desde o artesanal. *Vivência: Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 1, n. 64, p. 1–25, 2025. DOI: 10.21680/2238-6009.2024v1n64ID37793. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/37793>. Acesso em: 28 jun. 2026.

CORRÊA, Ester Paixão. A mulher no comando da Marujada: “Ser Capitoa” da Marujada de São Benedito de Bragança-PA. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2018, Brasília. *Anais...* Brasília: ABA, 2018.

LAPPICY, Paola. “Schneider, Arnd. 2017. Alternative Art and Anthropology: Global Encounters. London: Bloomsbury Academic.: Resenha | Dossiê Artes E Antropologias”. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 4 (1): 416-20. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162344>.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

### Sites:

Mostra virtual do Prêmio Pierre Verger, 2024. <https://premiopierreverger.com/2024/>

Mostra virtual do Prêmio Pierre Verger, 2026. Disponível em: <https://premiopierreverger.com/2026/experimentacao/capitoas-da-marujada-de-sao-benedito>